

**VERBO:
A MATÉRIA BRUTA DE ROMÉRIO RÔMULO**

Camillo Cavalcanti (UESB)
camillo.cavalcanti@gmail.com



**RÔMULO, Romério. *Matéria bruta*.
São Paulo: Altana, 2006.**

RESUMO

Este trabalho introdutório refletirá sobre a obra poética de Romério Rômulo, à espera de desdobramentos. Na metodologia prevalece a análise hermenêutica, que interpreta o amálgama retórico, embora se reconheça a necessidade de uma abordagem mais ampla. O autor apresenta obra bastante consciente do uso verbal, o que demanda figuras discursivas como vestígios da força poética a romper a linearidade denotativa. Eleva o trabalho com a palavra a níveis de *metalinguagem* em que, no proveito da memória literária, se expõe o vigor da metáfora e da metonímia rumo a valores semânticos que guardam a discussão sobre o lugar do poeta, em meio à multivocidade lírica.

Palavras-chave: Romério Rômulo. Estilo. Metáfora. Metonímia.

A sistematização da literatura contemporânea ainda aguarda a estruturação de cânones, de modo que está bem longe de um desfecho. Muito impressiona como a história literária, ao tratar desse período (nem tão contemporâneo assim), muda de um método específico para a simples bibliografia comentada. A tarefa será mais bem executada se houver um esforço coletivo da crítica nacional para sair dessa situação problemática.

De minha parte, posso desenvolver um trabalho paciente, de longa duração, para, além de propor um cânone adequado aos aspectos da literatura contemporânea, reconhecer estilos e proceder alguns estudos críticos. Um deles trata de Romério Rômulo.

Com *Bené para Flauta e Murilo* (1990), Romério Rômulo interrompe o ciclo sacrificante do literário que caracteriza o repertório literário do fim-de-século XX. Porém é *Matéria Bruta* (2006) que apresenta sua maturidade poética.

O vigor poético enuncia uma batalha mística, encravada, profunda e silenciosamente na concretude. A imanência combativa desliza pela *metalinguagem* (além da linguagem) ao pensar criticamente o sistema literário de sua época, no qual a obra se inscreve, e devolvendo o pensamento pelo refletir a habitação e o não lugar, a vigência e o extravio, no bojo de uma obra simultaneamente presente no tempo e ausente do lugar-comum: “poesia concreta” (p. 19) de um “poeta dos atrasos” (p. 21).

Por outro lado, o valor semântico subterraneamente contradiz o enunciado pela enunciação de um sentido superlativo: a poesia concreta é matéria bruta, aderente ou não ao Concretismo. Neste paradoxo de dizer e contradizer, a transitividade entre *topos* e *utopos* sustém a estrutura poemática. Essa ideia desce da abstração e reverbera na tensão entre passado e futuro, colapsada no signo da morte:

se falo pela morte, ela morreu (p. 21).

O sertão, lugar do passado, se transubstancia em cerrado, lugar do futuro, pensados a partir do presente, instaurado na declinação verbal reclamada pelo sujeito.

Matéria Bruta também é o alimento. Na linguagem, ele é sagrado para “a vida de carne” (p. 23), segundo a metáfora do próprio poema. Nutrido pela “quirera de aço”, elevada à categoria de poema, o poeta ascende à *metalinguagem*, consagrando seu grito ao povo. O grito, veículo do poema, nutre o corpo do povo:

as palavras avançam
sobre o corpo do povo.

O alimento do povo se *dobra* no alimento do poeta.

O *eu-lírico* assume o discurso como personificação da *linguagem*, morada do homem:

a chuva que me habita não é chuva (p. 24),
meu cerrado do olho vasta gado (p. 26).

A metáfora poetizante intensifica a *metalinguagem* (além do habitar), convertendo o mundo poético em mundo verbal:

temporal derrubou mais de duzentas palavras (p. 25).

Na plurissignificação, *Matéria Bruta* adquire novo sentido: a memória e os sítios familiares. No amálgama entre lembranças e lugares, o sujeito indaga: “quanto sou pedra e argila?” (p. 26). Narcísico, ele valori-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

za o ser que o preside, projetado “belo, rumoroso, azul e noite” (p. 27). O sobrenome confessado anteriormente é também parte do inefável: “o choque do cavalo” (p. 27), semanticamente controverso entre luz e tremor, desvelado e desconhecido. Na reiteração de *topoi* nada comuns, a obra se autorreflete, pelo sobrenome do sujeito (cavalo), pela sua constituição (pedra e pó), pela interface com a cidade e o povo.

Adiante, outra reiteração:

dizer o mais que sono
sem a palavra livre revelada.

O embate entre mistério e revelação permanece. A *mimesis* se encarga de fundi-los no espaço poético, representados na carne e na pedra – também imagens reiteradas – e no “instante da manhã chamado vento”, bem assim na rasura (p. 29). Encontrar o sentido, significar é a tarefa primordial do ser: “aquilatar é tudo, face o tempo”, contra a tendência alheia e geral de

lamúria que no lábio sempre espera
pelo espaço de só ser lamúria (p. 29).

No âmbito ético, a voz lírica se põe acima das ideologias. Seu único compromisso é com o povo, destinando sua lira à gesta de todos. Nessa unidade inclusiva, as segregações ideológicas são abstraídas, pelo tratamento igualitário que recebe a diversidade humana: “tantos inácios” e “tantas joaquinas” no fundo “casados como dia e noite”, além de “crioulos” e “mais outros sangues” pertencem, todos, à mesma genealogia (p. 30).

O discurso poético continua a enredar paradoxos na *dobra* dos contrários, inclusive pela dimensão de *metalinguagem*:

há um relato de voz naquela voz,
tão retorcida voz, toda ela espanto.
O corpo que é voz tem um esgar
que deixa de ser corpo e é só voz.

(RÔMULO, 2006, p. 31)

No enunciado sobre o próprio fazer poético, a diferença entre corpo e voz se dissolve na expressividade. À maneira da metáfora entre alimento e verbo, corpo e voz numa confusão eucarística representam o espanto e o esgar cujo mistério iguala linguagem e espaço. A sinédoque escalona a relação de alimento e verbo com corpo e voz, na qual o todo e a parte são também confusos. A nutrição é combustível para a combustão verbal, mas a combustão verbal é o motivo para comer e viver:

o homem ser só grito, sem mais homem. (p. 31)

A passagem entre sertão e cerrado, projeção do passado ao futuro deixa de ser apenas pressentida ou intuída, para realmente explícita: “acaso sou poesia ou sou manhã?” (p. 32) “um passo de caminho, uma afoiteza” (p. 33), transpassada para a *metalinguagem*, pela correlação entre passado e relato, tempo e história, memória e discurso: “ancestral perverso desta fuga” e “uívos relatados” (p. 33).

A autorreferencialidade da obra se entrevê na incansável e criativa reiteração das principais imagens que garantem o único sistema sígnico (o texto, o livro). A concepção unidimensional do tempo comparece outra vez: “de mais um sol antecipado noite” (p. 34). Os “inácios” reaparecem.

O sertão metafísico de Guimarães Rosa atinge níveis estratosféricos no cerrado de Romério Rômulo. Os elementos de paisagem, caracteristicamente rurais, se dissipam em imagens surrealistas que os fraturam em abstrações ou imaginações, pelo pensar poetante: “tudo é ausência de cerrado” onde “luzes e bois, fundidos, se rebatem”. A fusão entre luz e boi representa o amálgama entre abstrato e concreto, voz e corpo, linguagem e mundo.

A revolução da palavra desde a denotação para a conotação enriquece o sentido numa aventura semiológica que tensiona espaço poético e foro íntimo, mundo e fabulação, objetividade e subjetividade, alteando do enunciado para a enunciação, da linguagem para a *metalinguagem*. Trata-se de uma plurissignificação que abre a estrutura literária, à medida que o âmbito ficcional se instaura na ambiguidade sígnica, entre significante e significado. Soerguida de camadas sonoras com significados além dos limites sintáticos, a língua poética defendida pelos formalistas russos abre a palavra à busca do sentido. O ritmo poético então difere da pronúncia pela produção de sentidos à espera do encaixe adequado. Na poética de Romério Rômulo, há palavras que oscilam de sentido enquanto se procuram classe e função na estrutura poemática:

se falo pela morte (a favor ou através?) (p. 21);

são tão seres (posição adjetival) (p. 24);

sentimentos desuívos (neologismo: em posição adjetival e antônimo de uivo) (p. 25);

desavos (o que será?) (p. 25);

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

meu cerrado do olho
vasta gados (verbo com uso esdrúxulo, causando também eufonia) (p. 26);

fico solto das noites (*topos* desconstruído: preposição que liga o sentido à deserção, e não à inserção) (p. 26);

chapéu é forma de dizer sobrâncias do conhecido (neologismo) (p. 26);

saber-se é mortal, posto que é chama (ruptura sintática, com alusão a Vinícius de Moraes) (p. 27);

a veia do cartão, tão meu delírio (em posição adjetival) (p. 27);

a pedra e o pó me fazem madrugada (semântica artificial, alotropia) (p. 27);

se alma de montanha, decrescer (período telegráfico) (p. 28);

armar-se de nuances agrídoces
mais que ficar, dirá: arrefecer (personificação forçada);

o tumulto do corpo pode ausências (desconformidade forma/conteúdo) (p. 29);

outros mais dizer irão (ambiguidade: outros mais irão dizer ou outros irão dizer mais?) (p. 29);

sumoreja (neologismo) (p. 30);

outros que tantos, tais são desencontros (economia linguística);

relato de voz naquela voz (amplificação) (p. 31);

intensos tão meandros (inversão sintática) (p. 31);

num itálico do grito (sinestesia) (p. 31);

o homem ser só grito, sem mais homem (economia linguística) (p. 31);

tonitroamentos (palavra rara) (p. 33);

a face-toda-água (substantivo “face” com neologismo adjetival) (p. 34);

uns valos de bois (palavra rara) (p. 36).

Após revestimento poético da individualidade, o sujeito lírico, identificado e singularizado pelo domínio da gesta – palavra a serviço popular – expõe sua experiência amorosa. A identidade subjetiva é resumida:

carrego no braço os meus rebanhos,
o cabresto de toda adjacência,
a sobra mais latente de uma língua

te dou de mim o que couber tua mão (p. 37).

À frente, a musa é anunciada, pelo desejo erótico:

uma beleza, esta que me encaminha (p. 45);

afinal

mulher e noite são desejos sabidos (p. 47).

Durante a espera,

astros delgados assobiam os orvalhos

enquanto

jazem donzelas na calada da noite (p. 47).

O sujeito desconstrói a imagem tradicional dos anjos:

quando feitos aurora,
anjos de devassidão encarnam o mais puro dos sons.

outros, anjos da noite, são essência de fel (p. 49).

No apelo libidinoso, imagens veladamente sexuais povoam versos
como

marcas de dedo em sua nuca podre
fazem banana e tempo serem unos.
o mel lhes come a face, repentina
face que encandeia luz (p. 50);

solidão tesa
apressa a mão em distúrbios (p. 50);

e de ti, estado, farei objeto de mim.

qualquer cão passado saberá deste ato (p. 53)

que trôpega ação reduz meu corpo,
a minha mão circense, o desafio da pedra? (p. 55);

uma poesia láctea, cafezal de tramas (p. 55);

olhado o espasmo, meu relincho dorme (p. 62).

Visto que a matéria bruta é convergência plurissignificativa que
reúne a dimensão física (espaço poético), a amada também integra o su-
persigno:

dizer te amo,
bruta matéria,
se a resposta tem dentes de desgaste. (p. 52).

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

O amante procura a futura amada, que aceite a relação e traga o sentimento feminino:

quando virás trazer a gota do teu olho? (p. 52).

Assim como o narrador intruso, outra voz poética – conselheira e crítica – toma o discurso, orientando e consolando o sujeito:

caríssimo poeta, te desejo
o afago da manhã (p. 54);

não acredite na suavidade dos poetas (p. 59).

Na longa solidão, o sujeito se serve da prostituição: “putas ferem a noite com um olhar de luz” (p. 61); e embora as critique declara:

há que tocar o novelo, feri-lo e resguardar
seus montes (p. 61)

e

íntima, sua luz refrega substância (p. 61).

Mergulhado em bile negra, o sujeito – melancólico pela solidão – desanima, se autoflagela e reconhece seus males:

se alguém morder a imagem do meu corpo
a pele, a carne, o osso e outras mazelas
irá dizer o quanto sou medonho (p. 63).

Após confessar percorrer “arredondada paisagem do inferno” (p. 33), claudica frente à luz:

se instante fosse luz, quase somente
estado se faria, e eu, entrevado
de voz, escaparia pelas frestas (p. 63).

Aqui, o nome da amada é revelado:

argumento para patrícia (p. 63).

Já em delírio intimista, o sujeito se perde em divagações, indagações e confissões. Retorna, pois, ao inventário íntimo, o que fortalece o foro íntimo. Reelabora sua relação com a escuridão: “abstive-me das trevas e mesmo as retive como memória” (p. 70); confirma a genealogia rural e o laço com o povo:

filho de terras, dono de gados (p. 70);
e meu corpo, pura raiz,
fala a linguagem das ruas (p. 70).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Nessa passagem do desejo ao devaneio, a revolução da palavra continua:

lusco-fusco de cansaço na noite (palavra rara, sinestesia) (p. 38);
belzebus tardios lufando prumus (eufonia) (p. 38);
quando, noite passada, farei sono
ser mais que soturnez? (tempo unidimensional) (p. 39);
vida assim, se retalhada em noite
te cabe do vazio a só morada
de um tempo que é manhã sobrevivida (congestão) (p. 48);
seus hálitos evadem, sujidão
de manhã verde (anacoluto) (p. 49);
o óbvio do pelo (semântica artificial)
saber o útil, fala, consoante (anacoluto) (p. 55);
desmontar o verbo infiel (autorreflexão da forma, índice meta-
linguístico) (p. 56);
que tantos, aves últimas do corpo
voam umas migalhas de espaço? (anacoluto, pleonismo estilísti-
co: voar pelo espaço) (p. 56);
matizes cimitarram quadro (neologismo) (p. 60);
os calos detrimtam meu estrato (neologismo) (p. 62);
o mundo é mundo (p. 63);
e o contíguo dos lábios (semântica artificial) (p. 65);
eu tenho tanta idade
que me falta alguma (oximoro) (p. 68);
que me safira e empresa os olhos (neologismo) (p. 71);
quando mixirras abraçaram cachorros (semântica artificial) (p.
73);
o tamanho é tamanho (tautologia, p. 73).

A estrutura poética que, por trás do tema, revela sentidos outros, se repete ao longo de todo o livro. A densidade da obra está justamente na abertura da metáfora para a alegoria, de um sentido já literário e metafórico, para o gregário e alegórico.

Na junção entre linguagem e *metalinguagem*, a poética de Romério Rômulo faz coabitar erotismo e metafísica, na construção de mundo em que o amor é apenas um dos elementos constitutivos da vida, experiência semiológica. O nexos entre fatos enredando uma história pode

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

ser uma expectativa do leitor em encontrar sentido, mas a poesia, em toda a sua magnitude, às vezes desmonta a diegese para falar mais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

RÔMULO, Romero. *Matéria bruta*. São Paulo: Altana, 2006.